

NEUBE VESTINA COSTA DA SILVA

NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS TRABALHADORES AUTÔNOMOS

MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO APRESENTADA  
NA FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA,  
SOB A ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR  
ANTONIO WILSON MENEZES

Salvador-Ba  
maio/92



" O homem escreve as primeiras letras, as primeiras palavras... E, é nesta sucessão de palavras e de obras, que alcança suas realizações e cresce."

Autor Desconhecido

## AGRADECIMENTOS

Para tornar possível o presente trabalho, inúmeras pessoas colaboraram por meio e formas as mais diversas. Gostaria de agradecer, ao professor orientador Antonio Wilson Menezes pela ajuda na escolha e delimitação do tema, bem como pela orientação do trabalho.

A minha irmã, Ilma Maria Costa da Silva, vai um agradecimento especial, porque, sem sua colaboração e apoio tornaria muito difícil a realização dessa pesquisa.

A minha família que sempre esteve presente em todos os momentos da minha vida incentivando e apoiando, destaco as figuras de Edgard, meu pai e Lia, minha mãe.

Aos amigos e instituições que ajudaram de maneira diferente vai, aí, um sincero reconhecimento a : Rosana Matshushita, os amigos do IBCE, Gildete Santos da Boa Morte (Bibliotecária do CRH), aos professores e funcionários da faculdade de Ciências Econômicas, Adalberto e Vera, César Barbosa, Leo Sandro Santana Santos, Andréa Luiza Costa da Silva.

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

#### I- REFERENCIAL TEÓRICO

##### 1.1 ANÁLISE CONCEITUAL SOBRE O SETOR INFORMAL

1.1 Origem Conceitual

1.2 Diferença entre Economia Submersa e o Setor Informal

##### 1.2 ANÁLISE TEÓRICA SOBRE A EDUCAÇÃO

2.1 Origem da Teoria do Capital Humano

2.2 Definição da Teoria do Capital Humano em Termos Ideológicos

2.3 Diferença entre a Análise Macro-Econômica e a Micro-Econômica

2.4 Esclarecimento da Teoria do capital Humano a Nível Micro-Econômico (Análise Crítica)

2.5 Análise Circular da Teoria do Capital Humano

#### II- CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO OBSERVADO

2.1 Conceituação

2.2 Estrutura do Universo de Análise

2.3 Elaboração da Entrevista Estruturada

2.4 Descrição da Amostra

### III- TRATAMENTO ESTATÍSTICO

3.1 Perfil Geral do Trabalhador Informal

3.2 Condições Sócio-Econômicas e suas relações com o Nível  
de escolaridade

3.3 Análise Empírica da Escolaridade do Grupo em Estudo

CONCLUSÃO

ANEXOS



## APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa tem por objeto a análise empírica de um grupo de trabalhadores informais que se concentram no Relógio de São Pedro, buscando estudar a questão da escolaridade dos filhos destes trabalhadores. Na verdade, o que temos no início do processo de investigação, são impressões que serão ou não comprovadas com a descrição e análise dos dados.

Escolhemos o Relógio de São Pedro para realizar o trabalho. Em parte, tal escolha foi de caráter operacional, porque o centro da preocupação era trabalhar com uma população informal de baixa renda e que estivesse neste setor como uma alternativa de sobrevivência.

O problema que direciona toda a análise é saber o nível de escolaridade dos filhos dos informais desse comércio de rua, porque sabe-se que o mercado de trabalho formal vem exigindo níveis de escolaridade mais alto para ocupar um mesmo posto neste mercado.

Houve, com isso, todo um levantamento de bibliografias que forneceram subsídios para a formulação do quadro conceitual.

Vemos, então, que este estudo é empírico, mas busca fundamentação nas questões conceituais.



## INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado não pretende dar conta do aspecto teórico sobre a questão da informalidade. Ele objetiva, amparando-se numa definição operacional deste setor, mostrar o impacto da renda na determinação da educação dos filhos dos trabalhadores informais.

Então, gostaríamos de deixar claro que não estamos negando a existência de outros tipos de informalidade, uma vez que seu campo é bastante amplo, mas vamos tratar de um grupo de trabalhadores autônomos que vendem bens não perecíveis no comércio de rua do Relógio de São Pedro, que corresponde às seguintes localidades: Praça Barão do Rio Branco, Rua do Cabeça, Rua Teixeira de Freitas, Rua 21 de abril, na cidade de Salvador, em março de 1992.

O critério de estudar apenas a categoria de trabalhadores que vendem bens não perecíveis diz respeito a uma melhor delimitação do campo de análise, por dois motivos: o primeiro refere-se ao pequeno espaço de tempo em que foi realizada a pesquisa. E o outro é que, num comércio de rua, encontram-se diversas formas de informalidade, que se tornaria muito complexo o tratamento destes tipos para

aprofundar o principal objetivo da pesquisa, que é estudar o aspecto da educação.

A principal limitação, que deve ser mencionada, é que a educação não está sendo analisada sob o aspecto qualitativo, mas estabelecendo comparações entre os anos de escolaridade e a importância conferida ao ensino escolar, porque a pesquisa foi aplicada no local de trabalho.

• Vale ressaltar que a bibliografia para aprofundamento desse tema é escassa, daí a dificuldade de estabelecer a relação entre informalidade, educação e processo social.

Esta pesquisa objetiva revelar a realidade da escolaridade dos filhos dos trabalhadores informais. É um estudo empírico que busca não apenas a descrição dos fenômenos, mas procura explicá-los através de um quadro referencial teórico.

Apesar de tratar de uma temática bastante explorada como educação (nível de escolaridade), concordamos com Paulo Freire quando diz que "a ação criativa, a originalidade, não reside dentro do fantástico, mas numa utilização nova de coisas já conhecidas."

O trabalho está dividido em, basicamente, três partes. A primeira corresponde ao quadro conceitual, este, por sua

vez, se subdivide em dois capítulos. O primeiro busca caracterizar o espaço em que foi aplicada a pesquisa, ou seja, definir quais os trabalhadores informais que são alvo do estudo. Para isso, tivemos que delimitar o espaço de análise, bem como justificar nossa escolha frente à grande complexidade de se trabalhar com o setor informal. O interesse é, justamente, dar subsídios para o trabalho empírico de relacionar a atividade informal (no caso, o grupo escolhido para realizar o estudo) com a escolaridade de seus filhos, buscando apreender as características e peculiaridades deste grupo, a nível da ocupação como determinante da escolaridade dos filhos destes informais.

O segundo capítulo corresponde à análise da teoria do capital humano e, daí, a relação do aspecto educacional com o aspecto econômico. Através do amadurecimento do processo de investigação, percebeu-se que não se pode esquecer o caráter interdisciplinar deste estudo, sendo necessária a análise de nexos entre educação, economia e o processo social em que estão inseridos.

A segunda parte diz respeito à descrição dos passos da elaboração do trabalho empírico.

Tem-se a impressão, quem, à primeira vista, analisa as duas primeiras partes, que trata-se de dois assuntos que não estão relacionados. Mas, quando chegamos na terceira parte,

que diz respeito à análise empírica, buscamos uma conexão entre as duas partes anteriormente analisadas. Neste segmento do trabalho, vamos descrever e analisar a realidade dos trabalhadores informais, através dos dados obtidos no estudo empírico. O nosso interesse é que esta pesquisa sirva para desmistificar os fatos que, aparentemente, são óbvios, mas que, quando confrontados com um estudo mais aprofundado, vemos que todo o movimento da sociedade vincula-se ao movimento do capital e de seus interesses.

O propósito desse trabalho é contribuir para a realização de novos estudos nessa perspectiva, através da retratação e análise dessa realidade.



## I- REFERENCIAL TEÓRICO

### I.1 - Análise Conceitual sobre Setor Informal

Nos anos 70, constata-se um grande excedente de mão-de-obra, que possibilitou o surgimento de várias interpretações sobre a forma pela qual o mercado de trabalho vem sendo ocupado e, particularmente, para a explicação do fenômeno da informalidade.

Não é nossa pretensão realizar, aqui, a clássica "revisão de literatura" para destacar o posicionamento teórico que será adotado, mas fazer um breve comentário do surgimento do setor informal e esclarecimentos que venham a contribuir para o entendimento dos objetivos do trabalho.

### 1.1- Origem Conceitual

A origem do termo setor formal e setor informal surge como resposta às crises estruturais da década de 70, anunciado pela OIT (Organização Internacional do Trabalho), baseado no estudo da economia do Kenya.

Os técnicos desse órgão internacional justificaram a criação de uma nova categoria analítica para analisar estruturas duais, porque constataram, naquele país, que o processo de crescimento econômico tinha criado conjuntos significativos de inserções na estrutura produtiva e de tipos de ocupações que não poderiam ser classificados de acordo com a tipologia teórica e operacional apresentada nas abordagens duais clássicas que consideram dois setores: moderno e tradicional. Isto porque, embora muitas ocupações tivessem sido criadas pelo processo de crescimento econômico e devessem, portanto, ser classificadas no setor moderno, a atividade em que esses empregos se inseriam não era organizada em base a trabalho assalariado e o nível de remuneração, em muitos casos, apenas ligeiramente superiores àquele do setor informal.<sup>4</sup>

O setor formal caracteriza-se segundo a OIT por:

1. CACCIANALI. Informatização Recente do Mercado de Trabalho Brasileiro. p. 10-11.
2. CACCIANALI. As Economias Informal e Submersa: Conceitos e Distribuição de Renda. p. 123.



defrontar-se com barreiras à entrada; depender de recursos externos; a propriedade do empreendimento é impessoal; operar em larga escala; utilizar processos produtivos intensivos em capital e a tecnologia é importada; a mão-de-obra adquire as qualificações requeridas por meio de escolaridade formal; atua em mercados protegidos através de tarifas, quotas, etc.. Enquanto que as características do setor informal são opostas, ou seja, há facilidade de entrada; o aporte de recursos é de origem doméstica; a propriedade do empreendimento é individual ou familiar; opera em pequena escala; os processos produtivos são intensivos em trabalho e a tecnologia é adaptada; a mão-de-obra qualifica-se externamente ao sistema escolar formal; atua em mercados competitivos e não regulados'. <@>

Atualmente, esta divisão da economia tem sofrido várias críticas. Um dos autores que adota uma posição de questionamento sobre a passagem da categoria analítica moderna tradicional para formal-informal é Cacciamali <@>, porque considera esta divisão da economia muito simples para refletir a realidade das estruturas de produção e de emprego de um país. E, também, pelo fato de que vários estudos adotam uma visão dual-estática quando, na verdade, a geração do produto e do emprego em países que estão em fase de desenvolvimento é bastante dinâmica.

3. CACCIAMALI. As Economias Informal e Submersa: Conceitos e Distribuição de Renda. p. 124.

Outro aspecto a ser mencionado é considerar os dois setores, formal e informal, como sendo independentes, contrariando, assim, as observações do mundo real. Uma vez que "toda economia e toda sociedade estão penetradas por elementos de modernização, se bem que em diferentes níveis quantitativos e qualitativos. Em seguida, não se pode considerar os dois setores (modernos e tradicionais) como se fossem separados, independentes e autônomos... é por essa razão que não pode haver nenhum setor informal dentro de uma sociedade formal global. O todo é dirigido pelo mesmo sistema de normas, ainda que o sistema anterior seja dinâmico, o dinamismo é dependente... Quando suas características são consideradas isoladamente, cada circuito aparece como um subsistema; quando consideradas dentro da economia urbana total, cada circuito aparece como um complemento dominante. O estudo da cidade como uma totalidade não é possível sem o exame dessa dialética entre os dois circuitos, responsável pela definição social e econômica e pelas possibilidades e forma de evolução, tanto da organização urbana como de sua área de influência". <4>

Então, podemos supor que não há um caráter dual entre o setor formal e o informal, mas há uma relação de subordinação do informal para com o setor formal, que se deve ao movimento do capital, ou seja, eles (setor formal-informal) estão dentro de um sistema articulado que

estabelece uma relação de complementação, contudo, esta relação subordina o setor informal ao setor formal.

No caso do grupo de informais em estudo, podemos constatar o vínculo destes setores (formal-informal) quando percebemos que a atividade informal vende mercadorias produzidas no âmbito da formalidade. Na verdade, o caráter de subordinação consiste no fato do setor informal ocupar "brechas" deixadas pelo setor formal sem, contudo, afetar os interesses do capital. Ou, entretanto, o formal se utiliza de expedientes informais como forma de reduzir seus custos, como é o caso de trabalhadores sem carteira assinada.



## 1.2- Diferença entre Economia Submersa e o Setor Informal

Diante da grande multiplicidade de conceitos e denominações dadas à informalidade, tais como economia invisível, subterrânea ou submersa e setor informal, tem-se dificuldades de compreender tal fenômeno. Por este motivo, vale fazer a distinção entre economia submersa (subterrânea, invisível) e o setor informal, para tornar claro o que se pretende tratar, ou seja, qual o "tipo" de informalidade que será analisado, e para entender o corte teórico-operacional que foi adotado neste trabalho.

Existem, basicamente, dois cortes operacional-teórico na análise da informalidade, que implicam no estudo de dois fenômenos distintos. O primeiro é aquele onde o corte adotado tem como objeto de análise as atividades que operam com base no trabalho do proprietário dos instrumentos de trabalho. Neste contexto, o setor informal "foi delimitado sob a ótica da produção, em que a unidade de análise que fixava os limites da informalidade era o estabelecimento produtivo. A forma como as pessoas ou as firmas organizavam a produção, além de sua posição relativa frente ao conjunto das atividades produtivas, era o divisor do que considerar como informal" <S> e formas de participação na produção. Então, a preocupação, nesta análise, está centrada na forma

5. CACCIANALI. Setor Informal Urbano.

de organização da produção, classificando uma atividade formal de uma informal, através da análise da posse dos meios de produção. Enquanto que o outro conceito (economia invisível, subterrânea, submersa) põe em questão o fato da atividade ser ou não ilegal e atuar à margem do controle do Estado, implicando o não cumprimento das regras institucionais, sejam estas fiscais, trabalhistas, etc..

O critério aqui adotado é aquele no qual o trabalhador é o possuidor dos instrumentos de trabalho, por acreditar que este melhor se adequa ao "tipo" de informalidade que se procurou estudar.

## 1.2 - Análise Teórica sobre a Educação

Neste capítulo, apresentaremos qual a importância e o porquê da teoria do capital humano ser muito divulgada, tentando, com isso, estabelecer nexos entre educação (nível de escolaridade) com desenvolvimento econômico e a determinação dos salários.

Antes, porém, vale ressaltar o papel do economista no estudo da educação. A descoberta da educação para o desenvolvimento da sociedade foi revelada a partir do pós-guerra, quando "os nossos próprios sistemas educacionais e a situação dos países emergentes mostrou sua trágica falta de homens e mulheres instruídos, é que a relação econômica entre o sistema educacional e a comunidade que ele serve tornou-se dramaticamente evidente." (4)

Então, a partir daí, percebeu-se a importância da educação na formação de pessoas capacitadas para assumir postos na sociedade. Houve, com isso, a busca de escolas, que acentuou a sua perda de qualidade. Não há um método universalmente aceito para medir a qualidade da escola (ensino), por este motivo, não entraremos neste mérito.

A limitação deste estudo é justamente não poder avaliar



o aspecto qualitativo da educação que os filhos dos informais estão recebendo.

## 2.1- Origem da Teoria do Capital Humano

A importância da educação como capital humano surgiu com os clássicos, dentre eles podemos citar a obra de Smith. É preciso frisar, entretanto, que, no contexto do seu trabalho, Smith tinha em mente a importância da educação como formação profissional.

Outros economistas clássicos trataram da questão da educação como investimento, tais como J. Stuart Mill, em 1848, e Alfred Marshall (1980).

Entretanto, é a partir do final da década de 50 que a idéia de educação como investimento se desenvolve de forma sistemática. Na verdade, as formulações teóricas de Shultz e Becker foram as que propuseram o conceito de educação como capital humano. Eles utilizaram o instrumental de análise desenvolvido na teoria do capital.

\*Vale assinalar que a idéia de capital humano surge, historicamente, bem antes, até mesmo no Brasil, da década de 50. O fato de que sua formulação sistemática e seu uso ideológico político somente se verificam a partir da década de 60, aponta para a hipótese de que é efetivamente neste período que novas formas que assumem as relações

intercapitalistas demandam e produzem esse tipo de  
formulação." (7)

## 2.2- Definição da Teoria do Capital Humano em Termos Ideológicos

A teoria do capital humano é fundada sobre os pressupostos da teoria neoclássica, da visão harmônica da sociedade. Caracteriza-se pela busca de apreender o funcionamento da economia, mediante a análise de unidades isoladas ou agentes econômicos (indivíduos, firmas). Segundo esta visão marginalista, o indivíduo é dotado de "racionalidade" e liberdade, faz as escolhas econômicas de acordo com a utilidade e desutilidade marginal dos bens disponíveis.

O objetivo desta parte é buscar, na análise marginalista, a explicação da visão burguesa dos nexos entre educação e desenvolvimento, educação e os diferenciais de renda.

Entretanto, gostaríamos de deixar claro que a discussão deverá centrar-se no aspecto micro-econômico, ou seja, nexos entre nível de escolaridade e diferenciais de salários.

Antes, porém, cabe mostrar como se deu o surgimento da teoria do capital humano, qual o seu mecanismo de funcionamento, para, a partir daí, poder fazer críticas e confrontar a teoria com os resultados do estudo empírico.

A pesquisa tem um caráter interdisciplinar e tenta, através da análise do ponto de vista econômico e social, relatar e analisar a sociedade.

### 2.3- Diferença entre a Análise Macro-Econômica e a Micro-Econômica

Muitos trabalhos, ao tratar da teoria do capital humano, misturam as análises macro-econômicas com a micro-econômica, não conseguem apreender a diferença dessas duas análises.

O presente trabalho vai centrar-se, basicamente, no aspecto micro-econômico. Entretanto, torna-se necessário o esclarecimento da análise macro-econômica.

O conceito de capital humano "busca traduzir o montante de investimento que uma nação faz ou os indivíduos fazem, na expectativa de retornos adicionais futuros. Do ponto de vista macro-econômico, o investimento no "fator humano" passa a significar um dos determinantes básicos para aumento da produtividade e elemento de superação do atraso econômico. Do ponto de vista micro-econômico, constitui-se no fator explicativo das diferenças individuais de produtividade e de renda e, conseqüentemente, de mobilidade social", (8)

Observa-se, com isto, que, a nível macro-econômico, justifica-se a teoria do capital humano, pela sua capacidade

8. GAUDÊNCIO FRIGOTTO. A Produtividade da Escola Improdutiva. p. 41.

9. SCHULTZ. O Capital Humano - Investimento em Educação e Pesquisa. p. 41.



de promover o desenvolvimento econômico. Schultz, em uma passagem sobre a explicação da pobreza em alguns países, diz o seguinte:

"O novo capital destinado a esses países, vindo de fora, como regra, vai para a formação de estruturas, de equipamentos e, algumas vezes, também para bens e mercadorias inventariadas. Mas, em geral, não é disponível para um investimento adicional no homem. Conseqüentemente, as capacitações humanas não se colocam ombro a ombro com o capital físico e se transformam, na verdade, em fatores limitativos ao crescimento econômico." <9>

Na citação acima, pode-se perceber a importância do investimento em educação e treinamento, atribuída por Schultz, para o crescimento econômico de qualquer país.

A nível macro-econômico, a teoria do capital humano é utilizada para explicar os diferenciais de renda (salários), ou seja, "o processo educativo, escolar ou não, é reduzido à função de produzir um conjunto de habilidades intelectuais, desenvolvimento de determinadas atitudes, transmissão de um determinado volume de conhecimentos que funcionam como geradores de capacidade de trabalho e, conseqüentemente, de produção." <10>

Então, pode-se pensar que a educação e o treinamento, ao explicar as diferenças quanto à capacidade de trabalho, explicam, conseqüentemente, as diferenças de produtividade e renda.

Então, o suposto básico micro-econômico é o de que o indivíduo é uma combinação de trabalho físico e educação ou treinamento, que, ao investir em educação (decisão deliberada), ou mesmo o Estado fizer tal investimento, há um aumento da produtividade, que implica no acréscimo de sua renda.

A análise econômica da teoria do capital humano lhe fornece um caráter circular que, posteriormente, vai ser melhor explicitado.

#### 2.4- Esclarecimento da Teoria do Capital Humano a Nível Micro-Econômico (Análise Crítica)

A necessidade de justificar a determinação dos salários foi um dos motivos para o surgimento da teoria do capital humano. Esta teoria busca explicar os diferenciais de salários através das diferenças quanto aos níveis de produtividade obtidos por meio do fator educação. Segundo esta corrente de pensamento, "diferentes pessoas incorporam diferentes quantidades de capital - capital humano. Este capital é fruto de investimento, especialmente em educação, e este investimento é resultado de decisões racionais que envolvem a comparação de taxas de retorno e taxas de juros de mercado, como qualquer outro investimento." <11>

Um dos defeitos citados por Ricardo Lima sobre a teoria do capital humano é o de supor que os indivíduos tenham a liberdade de escolha quanto à quantidade de educação a ser adquirida e, por este motivo, é o responsável pela sua produtividade e rendimento futuro. Outro aspecto a ser mencionado é que "educação e trabalho só podem ser entendidos se relacionados a formações sociais concretas, fora deste contexto são abstrações." <12>

Não basta justificar as diferenças salariais apenas

12. LEDA BARROS. Escolaridade e Emprego na Bahia. p.93.

13. LEDA BARROS. Escolaridade e Emprego na Bahia. p. 93.

através do fator educação, apesar de reconhecer o seu papel na qualificação da mão-de-obra, é imprescindível compreender esta relação dentro da realidade concreta, ou seja, levando-se em consideração que estamos em uma sociedade capitalista, na qual "as lutas sociais, cujas bases objetivas se encontram nas desigualdades sócio-econômicas engendradas pelo capitalismo, influenciam o desenvolvimento da educação escolar, levando a que a escola se configure conforme as exigências conjugadas do aparato produtivo e do desenvolvimento da luta de classes." <13>

#### 2.5- Análise Circular da Teoria do Capital Humano

Torna-se necessário retornarmos aos pressupostos da teoria do capital humano para conseguir apreender o seu caráter de circularidade.

O que ocorre é que, a nível micro-econômico, a teoria do capital humano (nível de escolaridade) funciona como fator que promove a mobilidade social e aumento da renda individual, na medida em que a educação desenvolve comportamentos e habilidades que são criadoras de capacidade de trabalho. Então, a decisão de investir em educação e, assim, ascender-se socialmente, cabe, única e

14. GAUDÊNCIO FRIGOTTO. A Produtividade da Escola Improdutiva. p. 50.



exclusivamente, ao indivíduo. Esta é a visão neoclássica (marginalista), que atribui o caráter circular desta teoria. Neste contexto, quem determina a renda é a educação (anos de escolaridade) e não vice-versa. Segundo esta ótica, "o fato de não ser proprietário, não dispor de capital físico, ou não pertencer à classe burguesa, pouco importa, uma vez que o indivíduo, investindo em capital humano, poderá aumentar sua renda (isso depende dele, pois a decisão é dele)." <14>

Contudo, o homem sofre influências do meio em que está inserido, ou seja, vamos pressupor que as condições sócio-econômicas são os determinantes do seu nível educacional. Então, tentaremos captar da realidade do grupo dos trabalhadores informais, o nível de escolaridade de seus filhos, mostrando que não podemos deixar à margem o fato de que vivemos numa sociedade constituída por classes sociais. E, nesse sentido, a escola funciona como uma entidade diferenciadora, ou seja, a qualidade do ensino é diferente, a depender da classe social em que o indivíduo se encontra.

## II- CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO OBSERVADO

### 2.1- Conceituação

Como já foi mencionado na parte introdutória desta pesquisa, vamos nos basear num conceito operacional para analisar a realidade dos trabalhadores informais em estudo. Entretanto, busca-se respeitar o referencial teórico exposto na parte anterior.

O informal em estudo trata-se de ambulantes (camelôs), que se concentram no comércio de rua do Relógio de São Pedro, mais especificamente Praça Barão do Rio Branco, Rua do Cabeça, Rua Teixeira de Freitas, Rua 21 de abril, na cidade de Salvador. Ele opera de forma fixa, com tabuleiros armados em áreas livres e comercializam bens não perecíveis.

O corte teórico metodológico para analisar a informalidade é o de que os trabalhadores são os donos dos instrumentos de trabalho.

Dentro do micro universo em que foi realizada a pesquisa, podemos pensar que trata-se de trabalhadores autônomos, estes estão nesta atividade como estratégia de sobrevivência e possuem diferentes patamares de capitalização.

Existem dois tipos de ambulantes neste espaço econômico. Um que atua em áreas permitidas pela prefeitura e não corre o perigo de ver suas mercadorias apreendidas pelo fiscal da prefeitura - "rapa". E o outro, que trabalha em áreas próximas às lojas, pode ter suas mercadorias confiscadas se não obedecerem os limites da localização estabelecida pela prefeitura.

Percebe-se, claramente, que a presença desses trabalhadores no setor informal urbano, deve-se à criação insuficiente de emprego, que leva a estes trabalhadores a escolha de trabalhar autonomamente, ao invés da opção do salário mínimo, quando ainda encontram emprego no mercado formal.

## 2.2- Estrutura do Universo de Análise

O universo analisado se restringe ao Relógio de São Pedro. O comércio de rua é composto por pessoas que vendem diversos produtos, de segunda-feira a sábado.

Este comércio é organizado pelos Fiscais e Administradores da Prefeitura - ou seja, os fiscais controlam e asseguram o espaço físico de cada trabalhador informal. Ao fazer visitas neste universo econômico, percebemos que os informais estarão sempre ocupando as mesmas posições quanto ao espaço físico. Para conseguir trabalhar neste comércio de rua, pede-se um "ponto" (espaço físico) na prefeitura. Esta, por sua vez, analisará em qual lugar o informal deve se estabelecer.

Diante da facilidade de comercializar, percebe-se que a concorrência é grande, mas, entre os trabalhadores informais, não existe uma disputa desleal.

Não há nenhum tipo de organização sindical neste espaço econômico.

Percebe-se que os trabalhadores que vendem seus bens



são, basicamente, adultos e jovens, não existindo a presença de crianças.

O rendimento que estes trabalhadores auferem varia de acordo com o período do ano, daí pensar que o mês de março, período em que foi realizada a pesquisa, o rendimento é baixo, uma vez que havia passado o carnaval e havia começado o período escolar.

Então, na verdade, o informal acumula em determinadas épocas do ano, como: Carnaval, São João, Natal, Ano Novo, porque sabe que, em outros períodos, o rendimento tende a baixar.

### 2.3- Elaboração da Entrevista Estruturada

O uso de formulário e de entrevista se justifica pelos seguintes motivos: o primeiro refere-se ao fato de que grande parcela dos entrevistados tem baixo nível de escolaridade e, por isso, dificuldade de expressão por escrito. E o outro aspecto é que a entrevista estruturada é um instrumento adequado para obtenção de respostas mais detalhadas, que possibilitam uma melhor aproximação da realidade.

A maneira que encontramos para preservar o anonimato foi não pedir o nome do informante, deixando-o, assim, mais à vontade. Essa descoberta só foi visualizada com a aplicação de algumas entrevistas estruturadas, antes da sua definitiva aplicação, que possibilitaram evidenciar algumas falhas na sua elaboração.

A elaboração da entrevista e formulário de campo foi baseada no instrumental utilizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Deve-se ressaltar que este instrumento foi aplicado no domicílio (pesquisa censo), devendo, por este motivo, sofrer adaptações, visto que esta pesquisa foi realizada no local de trabalho.

Basicamente, a pesquisa consistiu no emprego sistemático da entrevista estruturada sobre os seguintes aspectos: identificação do trabalhador informal; o seu nível de escolaridade e o de seus filhos; a ocupação e a renda; as condições de moradia; e o nível de vida, mensurado pelo tipo de bens que cada trabalhador possui.

Cada uma destas partes teve por objetivo retratar as condições de vida em que vivem os trabalhadores informais; seu nível de vida; quais as perspectivas que vêem para seus filhos, através da educação, relacionando todas as variáveis com o nível de escolaridade de seus filhos.

#### 2.4 - Descrição da Amostra

Uma das limitações que queremos mencionar é que, por ser uma comércio de rua, não sabemos qual o tamanho do universo de análise. Mas gostaríamos de salientar que o nosso objetivo centra-se na qualidade da análise dos dados, compensando, com isso as prováveis perdas no aspecto quantitativo.

Como já mencionamos no parágrafo acima, trata-se de uma comércio de rua, com uma variedade de trabalhadores informais. Daí, a necessidade de melhor delimitação do grupo de análise. Então, a amostra escolhida para aplicação da pesquisa caracteriza-se por informais que têm filhos e comercializam bens não perecíveis. Dentro deste grupo, a escolha dos entrevistados se deu de forma aleatória e sem reposição.

Foram aplicados 56 formulários, seguidos de entrevistas, de maneira sistemática, ou seja, alternando as ruas e, também, as entradas.



### III- TRATAMENTO ESTATÍSTICO

Realizamos o estudo empírico a partir da análise dos dados que foram colhidos na pesquisa de campo, onde buscamos perceber o incentivo dos pais, no sentido de possibilitar educação escolar aos seus filhos, além da existência de outros estímulos gerados pela interação familiar.

As variáveis utilizadas para representar a influência do ambiente familiar são: renda, nível de escolaridade dos pais, condições sócio-econômicas da família, quantidade de pessoas que constituem a família e a valoração dos pais em relação à escolaridade dos filhos.

Dessa forma, não podemos tratar da questão da educação de forma isolada, já que está intrinsecamente vinculada às condições de vida, nos seus aspectos sócio-econômico e cultural. Por isso, temos a pretensão de realizar esse trabalho partindo do perfil sócio-econômico dos informais que foram entrevistados, de uma forma ampla.

Outras influências indiretas a serem observadas são: a

televisão, por ser um importante meio de comunicação transmissor de conhecimentos, sendo, portanto, um influenciador da opinião dos indivíduos; a inserção precoce da criança (estudante) no mercado de trabalho; ou, ainda, outras necessidades que, porventura, a família esteja enfrentando.

Partindo dessas considerações, tentaremos, então, traçar o perfil do trabalhador informal em estudo, buscando perceber quais os possíveis motivos que justificam sua presença no setor informal, as suas condições de moradia e nível de vida, com o objetivo de relacionar todas as variáveis acima com o fator escolaridade.

### 3.1- Perfil Geral do Trabalhador Informal

O universo estudado compõe-se de homens e mulheres que se encontram em proporções diferenciadas sem, contudo, apresentarem-se em uma desproporção considerável, como pode ser visto na tabela 01.

Tabela 01

#### Número de Homens X Número de Mulheres

SEXO	NÚMERO DE PESQUISADOS	PERCENTUAL %
FEMININO	24	42,86
MASCULINO	32	57,14

Como podemos visualizar, pela tabela 02, a amostra estudada é composta, basicamente, por adultos e adolescentes. Não foi constatada a presença de crianças neste espaço econômico, o que pode ser resultado da variação de idade dos entrevistados girar em torno de 17 a 18 anos. Podemos ver, então, que a população estudada é constituída por trabalhadores com uma média de idade de 32,29 anos para as mulheres e 35,63 anos para os homens.

Tabela 02Média de Idade X Sexo

SEXO	MENOR IDADE	MAIOR IDADE	MÉDIA (%)
FEMININO	17	50	32,29
MASCULINO	18	69	35,63

Quanto à origem dos trabalhadores informais, percebemos que a capital exerce um grande poder de atração, ocasionando, assim, a migração do interior para a metrópole.

Na tabela 03, vemos que a maioria dos entrevistados (58,93%) residia em outras cidades do interior. Dos 41,07% de trabalhadores que nasceram em Salvador, 28,50% sempre moraram no município e 12,50% já residiram em outros municípios. Estes dados nos levam a crer que, no grupo de informais analisados, a capital se constitui num pólo de migração, e mesmo aqueles que nasceram em Salvador e foram para outras cidades, acabaram retornando ao centro urbano.

Tabela 03Percentual das Pessoas que Nasceram em Salvador ou Não Nasceram

	QUANTIDADE	PERCENTUAL (%)
SEMPRE MOROU NO MUNICÍPIO	16	28,57
JÁ MOROU EM OUTRO MUNICÍPIO	07	12,50
NÃO NASCEU	33	58,93



A tabela 04, abaixo, também explica o fenômeno acima mencionado. Vemos que, aproximadamente, 40% dos entrevistados nasceram em Salvador e que mais da metade, ou seja, aproximadamente 60% da amostra não residia na cidade. Dentre a parcela que não mantinha residência na cidade, 58,62% morava na zona urbana e 41,18% na zona rural. Estes dados mostram, com isso, o processo migratório de indivíduos das cidades interioranas e da zona rural para o centro das atividades urbanas, ou seja, a capital Salvador.

Tabela 04

Zona que Residia Antes de Morar em Salvador

	QUANTIDADE	PERCENTUAL (%)
SEM RESPOSTA	22	39,29
ZONA URBANA	20	35,71
ZONA RURAL	14	25,00

Com base no quadro abaixo, constatamos que as ocupações anteriores dos trabalhadores informais eram simples, na medida em que não exigiam uma mão-de-obra especializada. Isto mostra que pessoas com baixo nível de escolaridade poderiam ocupar algumas destas atividades. Entretanto, notamos que certas ocupações requeriam um conhecimento manual e técnico, como é o caso de: mestre de obra, cabeleireiro, gerente de loja, mecânico, pedreiro, etc..

Percebemos, com os dados, que, antes de entrar no mercado informal, uma parcela significativa, 22,22% dos trabalhadores, não haviam exercido nenhuma ocupação anterior. Desses, 14,29% são mulheres, enquanto que 8,93% são homens. Podemos pressupor que o baixo nível de escolaridade dessas pessoas dificultou a sua inserção no mercado de trabalho formal, já que elas nunca participaram deste setor.

Ainda no que se refere à análise desse quadro, é interessante perceber o conjunto de atividades que são autônomas, tais como: trabalho rural, atividade doméstica, serviços ligados à carpintaria, atividade de mecânico, artesanato, atividade de empreiteiro na construção civil, etc.. Estas atividades também demonstram, em parte, a dificuldade destes trabalhadores de participar do mercado formal, uma vez que são atividades que independem do nível de escolaridade desses indivíduos, guardando, assim, uma estreita relação com a informalidade.

As atividades que se enquadram no setor formal são: porteiro, balconista, servente, vendedor de loja, empacotador de produtos, chefe de acompanhamento de uma refinaria, operador de máquina industrial, etc., que, também, não requerem um alto nível de escolaridade.

Vemos, então, que as atividades que os trabalhadores informais desenvolviam, antes de entrarem na informalidade, eram de baixa remuneração e, provavelmente, o seu nível de escolaridade

muito dificultou sua permanência em algumas destas atividades do setor formal, sendo, então, conduzidos ao setor informal.

**Tabela 05**

**Ocupação Anterior X Sexo**

CÓDIGO / OCUPAÇÃO	SEXO	NMERO DE PESQUISADOS	PERCENTUAL (%)	OCUPAÇÃO ANTERIOR
1	M	7	12,50	Trabalhador Rural
2	F	6	10,71	Empregada Doméstica
3	M	2	3,57	Porteiro
4	F	3	5,36	Balconista
4	M	2	3,57	Balconista
5	M	1	1,79	Mestre de Obra
6	M	1	1,79	Pedreiro
7	M	1	1,79	Ajudante de Pedreiro
8	F	1	1,79	Cabeleireira
9	M	1	1,79	Chefe/Acom. Refinaria
10	M	1	1,79	Mecânico
11	F	1	1,79	Servente
12	M	1	1,79	Empreit. Const. Civil
13	M	2	3,57	Vendedor
14	F	1	1,79	Empacotadeira
15	M	1	1,79	Artesão
16	F	1	1,79	Op./Máq. Industrial
17	F	1	1,79	Superv./Lav. Carro
18	M	1	1,79	Sócio de Padaria
19	F	8	14,29	Não Trabalhava
19	M	5	8,93	Não Trabalhava
20	M	1	1,79	Cobrador de Duplicata
21	M	1	1,79	Gerente de Loja
22	F	1	1,79	Recepcionista
23	M	1	1,79	Aj./Encanador Indust.
24	M	1	1,79	Vend./ Caldo de Cana
25	M	1	1,79	Segundo Estivador
26	M	1	1,79	Aux./Depós.(Confer.)
27	F	1	1,79	Dono Fábrica/Mochila

Faremos, agora, uma comparação entre o tempo médio da ocupação anterior com o tempo médio da ocupação atual. Antes, vale esclarecer que o tempo médio da ocupação anterior corresponde ao período, em anos, na ocupação anterior, de todo o grupo de informais entrevistados, dividido por sua quantidade.



Comparando as tabelas 06 e 07 entre o tempo médio na ocupação anterior com o tempo médio na ocupação atual (período, em anos, na ocupação atual, dividido pelo número de trabalhadores), vemos que os trabalhadores informais possuem mais tempo na atividade informal do que na anterior. Ou seja, a média, em anos, aumentou de 4,96 anos, na atividade formal, para 9,95 anos, na informal.

Podemos pressupor, assim, que a escolha destes trabalhadores pelo setor informal não foi de caráter temporário, mas uma opção definitiva com relação à sua ocupação dentro da sociedade. Isso pode ser devido ao fato de que, ao ingressar na atividade informal, dificilmente o trabalhador poderá ser incluído no mercado formal, constituindo, assim, o setor informal, na sua estratégia de sobrevivência.

Tabela 06

Tempo Médio da Ocupação Anterior X Sexo

SEXO	TEMPO MÉDIO
FEMININO	3,13
MASCULINO	6,34
Tempo Médio Total :	4,96



Tabela 07

Tempo Médio da Ocupação Atual X Sexo

SEXO	TEMPO MÉDIO
FEMININO	8,25
MASCULINO	11,22
Tempo Médio Total :	9,95

Notamos, segundo a tabela 07, que os homens têm mais tempo na atividade informal que as mulheres, uma vez que a média de anos na ocupação atual dos trabalhadores homens suplanta a média de mulheres em quase três anos. Esse fato vem a indicar que o homem continua a ser o principal responsável pela manutenção financeira da família. Contudo, nas entrevistas realizadas, percebemos que existem homens e mulheres que estão exercendo esta atividade como uma forma de complementar a renda familiar.

No que diz respeito às horas de trabalho diário na atividade informal, constatamos que estes trabalhadores destinam quase 11 horas por dia para desenvolver suas atividades. Vemos que não há quase diferença nenhuma entre o número de horas que as mulheres trabalham (10,58 horas), comparadas ao número de horas dos trabalhadores do sexo masculino (10,34 horas), o que pode ser visto na tabela 08.

Tabela 08

Horas de Trabalho (Média) X Sexo

HORAS SEXO	TEMPO MÉDIO
FEMININO	10,58
MASCULINO	10,34
Tempo Médio Total :	10,45

Ainda no que tange ao tempo dispensado para o trabalho, na tabela 09 percebemos que estes trabalhadores ambulantes dispensam seis dias da semana, ou seja, de segunda-feira a sábado, tendo apenas o domingo e os feriados de recesso.

Ao confrontarmos o tempo e as condições de trabalho com a renda percebida, constatamos que a remuneração não condiz com todo o esforço despendido, seja físico ou mental. Durante o mês de março de 1992, período em que foram colhidos os dados, os trabalhadores dispensavam cerca de 11 horas diárias para o exercício de sua atividade informal e tinham um rendimento médio de Cr\$ 216.929,00, o que equivalia a pouco mais que dois salários mínimos. Contudo, esta renda é aumentada em, aproximadamente, mais um salário mínimo, quando outros elementos da família estão inseridos em alguma atividade produtiva, seja no setor formal ou

no informal ( a média, em cruzeiros, é de Cr\$ 322.018,00).

Tabela 09

Dias Por Semana X Sexo

<u>Nº DIAS SEXO</u>	<u>I</u>	<u>MÉDIA</u>
FEMININO		5,96
MASCULINO		5,88
Tempo Médio Total :		5,91

Vale ressaltar que a análise da renda foi feita em termos da média, o que encobre as variações existentes entre os trabalhadores em relação ao seu rendimento. Essa variação é devida, em geral, à diferenciação dos produtos comercializados.

Como podemos observar, em termos de perfil dos trabalhadores em estudo, destacam-se os fatos de que compõem-se de homens e mulheres, na maioria migrantes, que comercializam produtos dos mais diversificados, percebendo, em média, dois salários mínimos.

As condições de vida serão aprofundadas no capítulo seguinte.

### 3.2- Condições Sócio-Econômica e suas Relações com o Nível de Escolaridade

Este capítulo tem por objetivo realizar uma análise qualitativa das condições e nível de vida dos trabalhadores informais, relacionando com o nível de escolaridade dos seus filhos.

Salientamos que as condições de vida serão estudadas através da análise: da situação de moradia, sendo esta avaliada a partir da posse ou não da residência; das condições de saneamento básico, que refletirá o acesso ou não à rede de água e esgoto, e coleta de lixo; e, ainda, a existência ou não de energia elétrica

O nível de vida será avaliado com base na posse, por parte das famílias estudadas, de bens de uma forma geral, principalmente de alguns eletrodomésticos.

Desse modo, trataremos agora da análise das condições de moradia com base nas tabelas em anexo. De acordo com a tabela Nº 10, observamos que, num mesmo espaço econômico, as condições de vida variam bastante, já que encontramos desde proprietários de apartamentos até moradores de invasão, que residem em "barracos" (pequena residência, cujas paredes e



telhados são feitos com sobras de maderite, plástico, papelão, etc.). Contudo, nesse universo, a existência de barracos é considerada como exceção, sendo o mais frequente a locação de imóveis para fins de residência.

Quanto ao saneamento básico, é interessante percebermos que, as famílias que têm acesso aos serviços de água, esgoto e limpeza pública, são as que também propiciam um maior nível de escolaridade para os seus filhos. Isso pode ser visualizado nas tabelas N<sup>o</sup> 11, N<sup>o</sup> 12 e N<sup>o</sup> 14.

Outro fato interessante, no que diz respeito ainda à essa questão, é que parece existir maior facilidade, por parte da população, aos serviços de água e limpeza pública (96% o primeiro, e 98% o segundo), enquanto que, em relação à rede de esgoto, isto não ocorre nas mesmas proporções (77%).

No entanto, ressaltamos que, uma porcentagem significativa (4%) têm o abastecimento de água utilizando poços ou nascentes. Em relação à limpeza pública, essa porcentagem diminui para 2%, e, conseqüentemente, essa população utiliza os terrenos baldios próximos à sua residência para escoar o seu lixo (ver tabelas N<sup>o</sup> 11 e N<sup>o</sup> 12).

Quanto à rede de esgoto, percebemos que existe uma variação maior, do que nos itens analisados anteriormente, tanto em termos do acesso a estes serviços, como também a utilização de outras alternativas.

Assim, a tabela N<sup>o</sup> 14 nos mostra que 77% dessa população tem acesso à rede geral, 21% utilizam a fossa séptica, e, 2% fazem uso da "vala negra" (espécie de esgoto aberto).

No que tange à energia elétrica, constatamos através da tabela N<sup>o</sup> 13, que a maioria desses trabalhadores têm acesso à rede geral (96%). Contudo, percebemos também, que 2% dessas famílias fazem uso de óleo ou querosene como fonte de energia, como também, os outros 2% utilizam os chamados "gatos" (desvio e divisão de energia elétrica, para mais de uma residência de forma clandestina).

Toda essa situação anteriormente descrita, possui uma relação com o nível de escolaridade dos filhos dos trabalhadores informais. É interessante percebermos que o nível de escolaridade dessas pessoas é influenciado pelos fatores analisados, ou seja, ao acesso aos serviços públicos e à moradia. Em todos os casos analisados, quanto melhor as condições de vida, maior será, também, o nível de escolaridade daqueles indivíduos. Pressupomos que isso se deve ao fato de que, o aumento do nível de escolaridade, está em função das condições de vida da família, haja visto

que, com o aumento dos rendimentos existe uma possibilidade real dos pais em proporcionar um maior nível de educação escolar para os seus filhos.

Agora, vamos analisar o nível de vida dos trabalhadores informais através dos tipos de bens que possuem, procurando, também, relacionar com o nível de escolaridade dos filhos.

Dos itens colocados na entrevista estruturada, apenas o fogão teve uma percentagem de 100% dos entrevistados, em relação ao fato de possuir este eletrodoméstico, independentemente do nível de escolaridade dos filhos dos indivíduos (ver tabela N.º 15). Também 100% dos entrevistados informaram não possuir aspirador de pó (tabela N.º 23).

Vale ressaltar que, ao analisarmos as tabelas que relacionam a geladeira (tabela N.º 16), o rádio (tabela N.º 17) e a televisão (tabela N.º 19), com o fator escolaridade, percebemos que, em todas elas o nível de escolaridade é o mesmo, havendo uma variação relativamente pequena, no que tange à quantidade de pessoas em cada categoria. Essa variação pode decorrer do fato, de que há uma diferença de padrão de vida dos informais em análise.

É interessante percebermos como existe uma seleção desses bens, a partir das necessidades concretas de vida: 88% dos entrevistados possuem geladeira, 84% possuem rádio e



79% televisão (ver tabela N<sup>o</sup> 16, N<sup>o</sup> 17 e N<sup>o</sup> 19). Também com base nesse critério, encontram-se os outros bens : 61% possuem aparelho de som (tabela N<sup>o</sup> 18); 11%, telefone (tabela N<sup>o</sup> 20); 2% possuem máquina de lavar, vídeo-cassete e freezer (tabelas N<sup>o</sup> 21 , N<sup>o</sup> 22 e N<sup>o</sup> 24). Nenhum dos entrevistados possui aspirador de pó.

Vale salientar também, que, ao analisarmos as tabelas N<sup>o</sup> 18 e N<sup>o</sup> 20, percebemos que as pessoas que possuem aparelho de som e telefone, possuem o mesmo nível escolar, chegando até a última série do 1<sup>o</sup> grau (8<sup>a</sup> série).

Vale observar que, numericamente, apenas um dos entrevistados (que corresponde a 2%) possui máquina de lavar, freezer e vídeo-cassete, e o seu filho está cursando a 8<sup>a</sup> série do 1<sup>o</sup> grau. Contudo, isso não nos permite realizar uma análise de caráter mais geral, pois trata-se de uma exceção.

Gostaríamos de ressaltar que, no item referente à "outros bens" (tabela N<sup>o</sup> 25), apenas 7% dos entrevistados responderam positivamente. Durante as entrevistas, esta parcela de informais mencionaram que, durante uma época do ano acumulam e investem os seus rendimentos acumulados, em bens móveis ou imóveis, como: caminhão, casa e depósitos para suas mercadorias.



Dentro desse universo em análise, podemos perceber que, o fator educação dos filhos encontra-se mais relacionado ao padrão-médio de vida. Isto é aqueles informais que conseguem ter uma infra-estrutura básica, já investem na educação dos seus filhos. Podemos ver isso, nas famílias que possuem como bens, o fogão (tabela N.º 15), a geladeira (tabela N.º 16), o rdio (tabela N.º 17), e a televisão (tabela N.º 19). Em todos esses casos, os filhos conseguiram atingir séries e graus mais avançados no Sistema Educacional. Contudo, gostaríamos de ressaltar, que, isso não significa dizer que, aquelas famílias que tenham uma maior quantidade de bens, incentivam à educação aos seus filhos, pois, para realizarmos essa análise necessitaríamos, também, da análise do fator idade dos filhos, relacionando à estes outros fatores. No entanto, a nossa intenção é perceber a influência do nível de vida no nível de escolaridade, e, como podemos observar, a falta de uma estrutura básica, se constitui num fator que impede o avanço dos estudantes em termos de Sistema Educacional.

### 3.3- Análise Empírica da Escolaridade do Grupo em Estudo

Este capítulo tem por objetivo realizar uma análise mais específica sobre o nível de escolaridade dos filhos dos trabalhadores informais, buscando mesmo, entender as relações desta com a valoração dos pais em relação à educação, o nível de educação destes, além de outros fatores que venham a interferir na escolaridade dos filhos.

No grupo em análise, percebemos que o nível de escolaridade é relativamente baixo (ver tabela N.º 26). Na verdade, 58,93% dos entrevistados têm o primário completo (ou seja, estudos concluídos até a 4ª série primária), ou incompleto, ou ainda, não têm nenhum nível de escolaridade. Os que completaram o curso primário totalizam 37,50% dessa amostra e 25% conseguiu concluir o 1.º grau.

É interessante notarmos como essa amostra revela a seleção e afunilamento existente no próprio sistema educacional. A cada ano escolar, reduz-se o número de estudantes que cursam a séries seguintes. Isso pode ser devido tanto à inadequação do sistema à realidade da população, como também, às condições de vida a que estão submetidos estes trabalhadores, dificultando, assim, o acesso à escola.

O nível máximo de escolaridade alcançado por estes trabalhadores foi o 2<sup>o</sup> grau, totalizando um percentual de 16,07% dos entrevistados. Isso nos leva a crer que o baixo nível de escolaridade dificultou o acesso dessas pessoas ao setor formal da economia, ou, caso estivessem nele inseridos seriam mal remunerados, devido ao grau de especialização dessa mão-de-obra que é muito baixa.

Tabela 26

Curso Concluído X Sexo

CURSO CONCLUÍDO	SEXO	QUANTIDADE	PERCENTAGEM
PRIMÁRIO	FEMININO	06	10,71%
	MASCULINO	15	26,79%
PRIMEIRO GRAU	FEMININO	09	16,07%
	MASCULINO	05	08,93%
SEGUNDO GRAU	FEMININO	04	07,14%
	MASCULINO	05	08,93%
NENHUM	FEMININO	05	08,93%
	MASCULINO	07	12,50%
TOTAL	-	56	100%

A tabela abaixo demonstra que existe um certo nível de escolaridade, na amostra analisada, embora incluindo-se nas primeiras séries do 1<sup>o</sup> grau alguns trabalhadores; 91,08% dessa população é alfabetizada (sabe ler e escrever); sendo que, 39,29% são mulheres e 51,79% são Homens.



Tabela 27Escolaridade x Sexo

ESCOLARIDADE	SEXO	MERO DE PESQUISADOS	PERCENTUAL
SABE LER E ESCREVER	IFEMININO I	22	39,29%
	IMASCULINO I	29	51,79%
NO SABE	IFEMININO I	02	03,57%
	IMASCULINO I	03	05,36%
TOTAL	-	56	100,00%

Como já foi exposto nos capítulos anteriores, o centro da análise foram os informais que tinham filhos. Notamos que a média de aproximadamente três filhos (número total de filhos por número por trabalhadores informais) não é alta, ou seja, podemos pensar que nesta parcela de trabalhadores informais existe um certo planejamento familiar.

Outra questão a ser mencionada é que num total de 157 filhos, observa-se que 110 filhos estudam. O percentual dos filhos que estudam é de 70,06%. Os 29,94% que não estudam podem ser enquadrados nas seguintes situações: já estudaram, ou têm um baixo nível de escolaridade e não estudam, porque, se inseriram no mercado de trabalho, ou alcançaram a idade de trabalhar e não estudam pelos motivos que serão analisados a seguir.



## Tabela 228

Relação das Dificuldades de Estudo

DIFICULDADE	INÚMERO DE PESQUISADOS	PERCENTUAL
NÃO HÁ DIFICULDADES	46	82,14%
DIFICULDADES ECONÔMICAS	01	01,79%
NECESSIDADE DOS FILHOS TRABALHAREM PARA COMPLETAR A RENDA	02	03,57%
SEU FILHO É DESINTERESSADO	01	01,79%
FALTAM VAGAS EM COLÉGIO PÚBLICO	01	01,79%
OUTROS MOTIVOS	05	08,93%
TOTAL	56	100,00%

A tabela acima, mostra que 46 pessoas dos entrevistados, têm seus filhos estudando, o que corresponde a um percentual de 82,14% do total da amostra. Dentre as pessoas que não têm seus filhos estudando, o motivo mais justificado, é o de que a criança está pequena para entrar na escola (8,93%). O segundo lugar, diz respeito à necessidade do filho trabalhar para complementar a renda. Entretanto, como foi mencionado na análise anterior, podem os filhos estar em idade de trabalhar, por esse motivo, a escola está em segundo plano. Segundo a tabela 03, as três últimas justificativas são: dificuldades econômicas para assegurar a permanência do filho na escola, o filho é desinteressado e a falta de vagas em colégios públicos. Fica uma questão para nós, em

que se constitui o "desinteresse dos filhos"? Parece-nos estar ligado à inadequação ou inadaptação do Sistema Educacional.

Vemos, através desta tabela, que existe uma grande preocupação dos trabalhadores informais em garantir a permanência dos filhos na escola.

Ao analisarmos a influência do nível de escolaridade dos pais, como fator de motivação na educação escolar dos filhos, vemos que, segundo a tabela 29 a maioria dos trabalhadores informais têm um baixo nível de escolaridade. O que nos surpreendeu, foi o fato de que este dado não exerce influência negativa no nível de educação escolar dos filhos. Existe uma motivação das pessoas para com a educação dos seus filhos.

**Tabela 29**

**Curso do Pai X Escolaridade do Filho**

CURSO PAI	NÍVEL ESCOLARIDADE	QUANTIDADE	PERCENTUAL
PRIMÁRIO	0:1:2:3:4:5:7:8:C:D	21	38%
1º GRAU	0:1:2:3:4:5:6:7:8	14	25%
2º GRAU	0:1:2:3:4:5:6:7:8	09	16%
NENHUM	0:1:2:3:4:5:6:7:8	12	21%

Podemos pensar que, no universo analisado, a idéia de que um maior nível de escolaridade pode proporcionar aos filhos uma ascensão social, é amplamente aceita por todos os estratos dessa amostra e já faz parte do senso comum. Pressupomos, então, que os trabalhadores informais não querem que seus filhos se insiram nesta atividade e vêem na educação uma forma de mobilidade social.

Mostraremos agora, alguns depoimentos, no que diz respeito à importância ao ensino escolar. Com relação a essa questão, 98,21% responderam positivamente, como podemos perceber na tabel 30.

Tabela 30

Importância ao Ensino Escolar

IMPORTÂNCIA AO ENSINO ESCOLAR	NÚMERO DE PESQUISADOS	PERCENTUAL
SIM	55	98,21%
NÃO	01	01,79%
TOTAL	56	100,00%

Observamos que a educação escolar foi abordada através de vários pontos de vista, a partir da análise qualitativa da entrevista estruturada.





Vamos relatar algumas entrevistas que pareceram mais importantes para a análise qualitativa do fator escolaridade.

Um dos entrevistados declarou assim: "Eu atribuo assim: para dar uma cultura melhor para minha filha. Até com o comércio você tem que ter estudo e não para se empregar. Tanto faz para ter emprego: ser analfabeto ou ter o segundo grau não adianta nada; porque, quando tem emprego o salário é baixo".

Este depoimento mostra que, a valoração de educação está em transmitir informações. O entrevistado não dá valor a relação entre grau de escolaridade e a possibilidade de o indivíduo melhorar suas condições econômicas.

Outro depoimento de cultura via educação pode ser visto na seguinte fala: "Dou muita importância à educação escolar porque a gente aprende a ler e escrever, a falar, conhecer muitas coisas e se expressar". Vemos, então, que a educação escolar é abordada pela ótica de promover a formação intelectual do indivíduo.

Alguns entrevistados, não sabem nem o por quê da importância da educação, como podemos ilustrar neste depoimento: "Na verdade, nem sei dizer porque a educação é importante, apenas sei que é o melhor para os meus filhos".



Isto nos leva a crer que a educação é vista, também, como um meio de possibilitar a mobilidade social, e esta idéia é amplamente divulgada e aceita por grande parte do universo analisado, sem contudo, perceber o que realmente acontece.

Uma minoria dos entrevistados abordou a importância da educação, a partir do aspecto macroeconômico, ou seja, se o capital humano não acompanhar o processo de desenvolvimento econômico pode impedir o crescimento de um país.

Entretanto, a grande maioria dos trabalhadores informais relacionaram a importância da educação como meio de possibilitar a seus filhos ascensão social, como podemos exemplificar com ainda este outro depoimento: "A pessoa tem que estudar para arranjar um bom emprego. Com estudo a pessoa tem capacidade para qualquer coisa, não vai ficar como eu". Percebemos a preocupação do entrevistado de evitar que seu filho tenha um baixo nível de escolaridade, e com isso, não participar do mercado informal.

Outra questão, que vale mencionar, é a preocupação por parte de alguns trabalhadores no que se refere à função selecionadora do nível de educação escolar como podemos observar nesta fala: "O ensino é a base para o futuro. A pessoa formada já tem um pouco de dificuldade de encontrar trabalho, imagine quem não tem estudo". Nesta entrevista vemos que, um dos motivos que justificam o ingresso de

certos trabalhadores no setor informal, é o seu baixo nível de escolaridade. Esta variável, é utilizada para selecionar os trabalhadores via instituição escola.

Um dos entrevistados abordou a questão da educação numa perspectiva macro-econômica. Para ele, o desenvolvimento do país se pela educação, e fez ainda uma relação com as suas condições de vida: "O ensino em geral está péssimo, mas acho que o ensino é tudo, principalmente para o desenvolvimento do país. O problema do Brasil é a falta de educação escolar, o pobre não tem condição de pagar escola. Eu mesmo não tenho, pois, quem paga a faculdade de minha filha é ela".

Podemos constatar com a análise qualitativa dos questionários, que a educação escolar foi abordada levando em consideração os seguintes aspectos: é fundamental na medida em que, possibilita aos filhos uma "cultura melhor", sendo entendida, ali, por cultura, a transmissão de informações pela escola. A nível macro-econômico, foi mencionada, a importância da educação escolar, entretanto, por um pequeno número de entrevistados. Mas, a grande parcela referiu-se ao estudo escolar como um meio de permitir a seus filhos, a possibilidade de ascensão social. Na verdade, eles vêem na educação a única saída para seus filhos alcançarem um padrão de vida melhor, ou seja, serem inseridos no mercado formal.

Segundo a tabela 31, vemos que a maioria dos entrevistados vêem na educação uma perspectiva futura para seus filhos (96,43% dos entrevistados).

Tabela 31

Perspectiva Futura para os Filhos Através da Educação

HÁ PERSPECTIVA	NÚMERO DE PESQUISADOS	PERCENTUAL
SIM	54	96,43%
NO	02	3,57%
TOTAL	56	100%

Entretanto, as justificativas são diferenciadas no universo observado. Podemos dizer, através do estudo das entrevistas que muitos dos trabalhadores informais vêem várias perspectivas para os filhos através, da educação, entretanto, a grande preocupação é possibilitar uma educação satisfatória, tendo em vista, a obtenção de emprego no setor formal, como podemos ilustrar com algumas entrevistas, numa das quais o entrevistado fala o seguinte: " A educação depende do esforço de cada um, mas eu espero que ele (filhos) tenham um futuro brilhante, que se formem. Com a formatura até o emprego se torna mais fácil". Percebemos, então, com este depoimento, que os trabalhadores informais



querem ver seus filhos inseridos na atividade formal. Este outro depoimento vem corroborar o exposto acima: "O futuro dela (filha) está na educação, se ela formar pode arranjar um emprego melhor". Observamos, também, nesta entrevista que, segundo uma análise geral, a idéia é de que as ocupações mais rentáveis estão vinculadas a níveis mais altas de escolaridade.

Outros trabalhadores informais têm em mente o que acontece na realidade, em relação à educação. Enfatiza que esta, liga-se às condições sócio-econômicas da família, que podem proporcionar um melhor, ou pior nível de educação. Atribui, no entanto, à "sorte" de cada um: "Eu quero que as coisas melhorem, e que, o governo procure investir mais nessa área da educação. Quem tem sorte vai ter um ensino melhor, e uma vida melhor. Se for descendente de pais com condições melhores, vai prá frente. Já quem não for...as coisas vai por sorte da pessoa".

Salientemos que, nesta entrevista, foi importante a retratação da verdadeira situação dos trabalhadores que não podem manter seus filhos em escolas particulares, utilizando, assim, o serviço prestado pela escola pública. Vale ressaltar que, estas escolas não funcionam nas mesmas condições estruturais, que os estabelecimentos particulares de bom nível, que leva a uma diferenciação em termos do conhecimento dos alunos nestes dois tipos de escolas.



Vemos, com isso, que os entrevistados gostariam de proporcionar a seus filhos uma educação melhor, entretanto, encontram como limite as suas condições sócio-econômicas: prioritariamente procuram garantir a sobrevivência material da família, para, em seguida, investir na educação dos filhos.

Os seus filhos já estão em desvantagem em relação às outras crianças da mesma série e idade, já que, a qualidade tanto de escola pública, como da privada a que tem acesso, supomos aqui, são inferiores às outras frequentadas pelo filhos de outras pessoas que pertencem a uma classe social mais elevada. Inaiá de Carvalho analisou a escola particular a que tem acesso os trabalhadores de baixa renda e constatou que, na verdade, o que os trabalhadores chamavam de escola particular se constituía em aulas com "professores" que não estão capacitados a assumir a responsabilidade de ensinar, sendo que, em termos qualitativos, muitas vezes, o nível de ensino dessas escolas é inferior ao das escolas públicas.

Não é nossa pretensão aprofundar este assunto, uma vez que, a pesquisa foi realizada no mercado de trabalho, e isso se constitui num fator limitador da análise da qualidade de educação da população. Desse modo, nos limitamos apenas a fazer algumas inferências sobre essa questão.

#### Tabela 32

Pagamento da Escola X Renda Familiar

RENDA FAMILIAR		ESCOLA / RENDA
300.000,00		35,00%
288.000,00		6,94%
500.000,00		2,00%
120.000,00		58,33%
192.000,00		10,42%
200.000,00		35,00%
470.000,00		15,32%
230.000,00		30,43%
558.000,00		7,17%
250.000,00		24,00%
500.000,00		6,00%
280.000,00		5,36%
420.000,00		41,67%
500.000,00		6,00%
350.000,00		11,14%
840.000,00		2,98%
280.000,00		7,14%
800.000,00		2,50%
400.000,00		13,75%
400.000,00		20,00%
775.000,00		10,32%
280.000,00		14,29%
416.000,00		13,22%

A partir da análise da tabela 32, percebemos que existe uma variação em termos de renda familiar recebida pelos trabalhadores informais, que decorre da diversidade das suas atividades informais, e que refletem também nos seus investimentos quanto à educação dos seus filhos. Contudo, os dados obtidos não permitem uma análise mais aprofundada da parcela da renda com o pagamento da escola. Há também que se considerar a análise anterior referente à qualidade das escolas públicas e privadas dos bairros populares, a qual pode ser reconhecida pelos informais (podem acreditar que o nível da escola pública é maior que o das particulares que seus filhos poderiam frequentar). Contudo, não podemos ter uma conclusão definitiva, e sim suposições.

### Tabela 33

#### Até que série deve estudar

SÉRIE	I	Nº DE PESQUISADOS	I	PERCENTUAL
1º GRAU	I	03	I	05,45%
2º GRAU	I	08	I	14,55%
SUPERIOR	I	44	I	80,00%
OUTROS	I	01	I	01,79%
TOTAL	I	56	I	100,00%

Com base na tabela 33, constatamos que grande parcela dos entrevistados têm como expectativas que seus filhos concluam o curso superior. Observamos que 14,55% da amostra,



deseja que seus filhos curse o 2<sup>ª</sup> grau; e apenas 5,45% o 1<sup>ª</sup> grau. Estes dois últimos grupos de trabalhadores possuem uma certa consciência em termos reais em relação ao que seus filhos possam alcançar em termos de escolaridade. Contudo, também desejam que os filhos consigam chegar ao nível universitário, pois acreditam que possam obter uma ocupação bem remunerada, no mercado de trabalho informal.

Ainda no que tange à análise dessa tabela, percebemos que existe um certo grau de idealização, por parte dos informais, em relação à escolaridade dos filhos.

Tabela 34

Média de Idade X Série

SÉRIE (anos)	SEXO	IDADE MÉDIA
PRÉ - ESCOLAR	MASCULINO	10,50
2ª SÉRIE	FEMININO	25,00
	MASCULINO	10,00
3ª SÉRIE	FEMININO	17,00
	MASCULINO	13,33
4ª SÉRIE	FEMININO	20,33
5ª SÉRIE	MASCULINO	16,00
7ª SÉRIE	MASCULINO	26,00
8ª SÉRIE	FEMININO	19,00

Agora faremos um estudo da tabela 34, onde só foram



considerados os informais com mais de 10 filhos. Verificamos se as médias de idade relacionados com o sexo e a série dos filhos dos trabalhadores informais, estão condizentes com o normal para cursar cada uma das séries descritas acima, além de observar se o tamanho da família é um fator que explica em parte o baixo nível de escolaridade de partes dos indivíduos.

Podemos verificar que, a média de idade para todos os cursos é de um modo geral alta, uma vez que, observamos na tabela, independente de sexo, as pessoas estão atrasadas em relação a idade média ideal para cursar tais séries. Um dos motivos que explicam o quadro acima descrito é que as características sócio-econômicas da família dos indivíduos estão relacionadas com o seu aproveitamento escolar.

O desempenho do indivíduo, podemos pressupor, está relacionado com o tamanho de sua família. Quanto menor o tamanho, maior os resultados de rendimento escolar. Naturalmente, não é o tamanho da família a causa do baixo rendimento, mas sim as condições gerais do lar que influenciam no padrão de vida do mesmo. O nosso objetivo nesta análise foi descrever apenas as associações entre as variáveis.

## CONCLUSÃO

Ao analisar o nível de escolaridade dos filhos dos trabalhadores informais, que comercializam bens não perecíveis no comércio de rua do Rélogio de São Pedro, podemos destacar como resultado do estudo dos dados, que existe grande preocupação destes trabalhadores em proporcionar educação escolar a seus filhos. Entretanto, as condições sócio-econômicas se constituem num fator de grande limitação, para a realização desse investimento.

Como forma de constatar, a idéia mencionada acima, vimos que houveram vários depoimentos valorizando a educação nas mais diversas formas. Entretanto, o universo analisado compõem-se de pessoas que auferem pouco mais de dois salários mínimos, e que estão na atividade informal como uma alternativa de sobrevivência.

Contudo, a renda que percebem, geralmente, não possibilita um investimento em educação, visto que, a prioridade é a garantia material de sobrevivência.

A partir do estudo do universo analisado, concluímos, que o investimento em educação não é uma decisão individual como propõe a teoria do capital humano, mas é fruto das condições e nível de vida, bem como dos rendimentos percebidos que possibilitarão ou não um investimento financeiro em educação, já que pela ordem de prioridade educação vem depois da sobrevivência.

ANEXO

No que diz respeito as tabelas números 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 29, gostaríamos de esclarecer os códigos referentes as séries mencionadas nas tabelas que estão ao longo do texto e no anexo.

Códigos	Especificação
0	Séries abaixo do 1º ano primário
1	1ª série primária
2	2ª série primária
3	3ª série primária
4	4ª série primária
5	1ª série do 1º grau
6	2ª série do 1º grau
7	3ª série do 1º grau
8	4ª série do 1º grau
A	1ª série do 2º grau
B	2ª série do 2º grau
C	3ª série do 2º grau
D	Curso Superior

Obs.: Vale ressaltar que o primário corresponde da 1ª série a 4ª; o primeiro grau, da 5ª série a 8ª.

Tabela 10

## Situação de Moradia X Quantidade de Pessoas

Moradia	Próprio	Alugado
Casa	31	16
Apartamento	06	02
Outros	01	00

Tabela 11

## Rede de água X Escolaridade dos Filhos

Rede de água	Série Escolar	Quantidade	Percentual
Sim	10:1:2:3:4:5:6:7:8:C:D	54	96%
Não	1 0:2:4:5:6:7	02	04%



Tabela 12

## Coleta de Lixo X Escolaridade dos Filhos

=====															
Coleta de lixo	Nível de Escolaridade					Quantidade	Percentual								
=====															
Sim	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	55	1	98%	
Não	0	1											01	1	02%
-----															

Tabela 13

## Energia X Escolaridade dos Filhos

=====															
Fonte de Energia	Escolaridade										Quantidade	Percentual			
=====															
Elétrica	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	54	1	96%	
Luz ou Querosene	2	4	5	6	7								01	1	02%
Outra	0	1											01	1	02%
-----															

Tabela 14

## Rede de Esgoto X Escolaridade dos Filhos

Instalação Sanitária	Nível Escolaridade	Quant.	Percentual
Rede Geral	10:1:2:3:4:5:6:7:8:C:D	43	77%
Fossa Séptica	10:1:2:3:4:5:6:7	12	21%
Dutros	12:4:5:6:7	01	02%

Tabela 15

## Fogão X Escolaridade dos Filhos

Fogao	Nível Escolaridade	Quantidade	Percentual
Sim	0:1:2:3:4:5:6:7:8:C:D	56	100%
Não	-	-	-

Tabela 16

## Geladeira X Escolaridade dos Filhos

Geladeira	Nível Escolaridade	Quantidade	Percentual
Sim	10:1:2:3:4:5:6:7:8:C:D	49	88%
Não	10:1:2:3:4:5:6:7	07	13%

Tabela 17

## Rádio X Escolaridade dos Filhos

Rádio	Nível Escolaridade	Quantidade	Percentual
Sim	10:1:2:3:4:5:6:7:8:C:D	47	84%
Não	10:1:2:3:4:5:6:7	09	16%

Tabela 18

## Aparelho de Som X Escolaridade dos Filhos

Som	Nível Escolaridade	Quantidade	Percentual
Sim	10:1:2:3:4:5:6:7:8	34	61%
Não	10:1:2:3:4:5:6:7:C:D	22	39%

Tabela 19

## Televisão X Escolaridade dos Filhos

Televisão	Nível Escolaridade	Quantidade	Percentual
Sim	10:1:2:3:4:5:6:7:8:9:10	44	79%
Não	10:1:2:3:4:5:6:7	12	21%

Tabela 20

## Telefone X Escolaridade dos Filhos

Telefone	Nível Escolaridade	Quantidade	Percentual
Sim	10:1:2:3:4:5:6:7:8	06	11%
Não	10:1:2:3:4:5:6:7:8:9:10	50	89%



Tabela 21

## Máquina de Lavar X Escolaridade dos Filhos

Máquina Lavar	Nível Escolaridade	Quantidade	Percentual
Sim	8	01	02%
Não	10:1:2:3:4:5:6:7:8:0:0	55	98%

Tabela 22

## Freezer X Escolaridade dos Filhos

Freezer	Nível Escolaridade	Quantidade	Percentual
Sim	8	01	02%
Não	10:1:2:3:4:5:6:7:8:0:0	55	98%

Tabela 23

## Aspirador de Pó X Escolaridade dos Filhos

Aspirador	Nível Escolaridade	Quantidade	Percentual
Sim	-	-	-
Não	10:1:2:3:4:5:6:7:8:0:0	56	100%

Tabela 24

## VÍDEO - CASSETE X ESCOLARIDADE DOS FILHOS

VÍDEO	NÍVEL ESCOLARIDADE	QUANTIDADE	PERCENTUAL
SIM	8	01	02%
NÃO	0:1:2:3:4:5:6:7:8:C:D	55	98%

Tabela 25

## OUTROS BENS X ESCOLARIDADE DOS FILHOS

OUTROS BENS	NÍVEL ESCOLARIDADE	QUANTIDADE	PERCENTUAL
SIM	10:1:2:4:5:6:7:8	04	07%
NÃO	10:1:2:3:4:5:6:7:8:C:D	52	93%

ENTREVISTA ESTRUTURADA

DATA: ...../...../.....

## I- IDENTIFICAÇÃO

1.1 Número: .....

1.2 Sexo:

- 1. Masculino ( )
- 2. Feminino ( )

1.3 Idade: .....

1.4 Nasceu neste município?

- 1. Sim e sempre morou no município ( )
- 2. Sim, mas já morou em outro município ( )
- 3. Não nasceu ( )

1.5 Residia em que zona antes de morar em Salvador (caso tenha nascido em outro município)?

- 1. Na zona urbana ( )
- 2. Na zona rural ( )

1.6 Quantos filhos tem? .....

1.7 Qual o sexo e idade de cada um deles?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

## II- ESCOLARIDADE

2.1 Você sabe ler e escrever ou não sabe?

- 1. Sabe ler e escrever ( )
- 2. Não sabe ( )

2.2 Qual o curso mais elevado concluído com aprovação?

- 1. Primário - 1ª a 4ª série ( )
- 2. Primeiro grau - 5ª a 8ª série ( )
- 3. Segundo grau - Técnico ou Científico ( )
- 4. Superior ( )
- 5. Nenhum ( )

2.3 Seus filhos estudam?

- 1. Sim ( )
- 2. Não ( )
- 3. Alguns sim, outros não ( )



2.4 Qual a importância que você atribui ao ensino escolar?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

2.5 Qual(is) perspectiva(s) futura(s) você espera para seu filho através da educação?

.....

.....

.....

.....

.....

2.6 Se seus filhos estudam, qual a série que cursam?

	1	2	3	4	5	6
1. 1ª Grau - 1ª a 8ª série	( )	( )	( )	( )	( )	( )
2. 2ª Grau - Científico ou Técnico	( )	( )	( )	( )	( )	( )
3. Superior	( )	( )	( )	( )	( )	( )
4. Outros	( )	( )	( )	( )	( )	( )

2.7 Até que série você acha que seu filho deve (precisa) estudar?

.....

2.8 Se as condições de sua vida fossem melhores, proporcionaria uma educação escolar mais satisfatória a seus filhos?

1. Sim ( )
2. Não ( )

2.8.1 Porque?

.....

.....

.....

.....

.....

2.9 Seu(s) filho(s) estuda(m) em escola:

1. Pública ( )
2. Privada ( )

2.9.1 Se estuda em escola particular, quanto paga?

.....

2.10 Se os filhos estão em idade de estudar e não estudam, quais os motivos?

1. Dificuldades econômicas para assegurar a permanência do filho na escola ( )
2. Necessidade do filho trabalhar para completar renda ( )
3. Você não se interessa pela educação escolar do seu filho ( )
4. Seu filho é desinteressado ( )
5. O ensino público não é bom ( )



6. Faltam vagas em colégios públicos ( )  
 7. Sua casa é distante da escola ( )  
 8. Outros motivos ..... ( )

### III- OCUPAÇÃO E RENDA

- 3.1 Qual a sua ocupação anterior? .....
- 3.2 Quanto tempo durou? .....
- 3.3 Quanto tempo está nesta atividade? .....
- 3.4 Quantas horas trabalha?  
 1. Diariamente:.....  
 2. Semanalmente: .....
- 3.5 Quanto ganha? .....
- 3.6 E a renda da família? .....
- 3.7 Você é a renda principal? .....

### IV- MORADIA

- 4.1 Moradia: Onde vivem?  
 1. Casa ( )  
 2. Apartamento ( )  
 3. Outros ( )
- 4.2 Qual a situação do domicílio?  
 1. Próprio ( )  
 2. Alugado ( )  
 3. Outro ( )
- 4.2.1 Se alugado, quanto paga? .....
- 4.3 Qual o abastecimento de água?  
 1. Rede Geral ( )  
 2. Poço ou Nascente ( )  
 3. Outra forma ( )
- 4.4 Lixo: Como a família resolve o problema de lixo doméstico?  
 1. Coleta da Prefeitura ( )  
 2. Queimado ( )  
 3. Enterrado ( )  
 4. Jogado em terreno baldio ( )  
 5. Jogado em rio, lago ou mar ( )  
 6. Outro ( )
- 4.4.1 Se coletado pela Prefeitura, qual a periodicidade?  
 .....

4.5 Luz: A família tem alguma fonte de luz?

1. Elétrica ( )
2. óleo e Querosene ( )
3. Outra ( )

4.6 Qual o escoadouro da instalação sanitária?

1. Rede Geral ( )
2. Fossa séptica ( )
3. Vaia Negra ( )
4. Canalizado à rede fluvial a céu aberto ou tubulação ( )
5. Não sabe ( )

#### V- TIPOS DE BENS QUE POSSUI

- 5.1 Fogão ( )
- 5.2 Geladeira ( )
- 5.3 Rádio ( )
- 5.4 Som ( )
- 5.5 Televisão ( )
- 5.6 Telefone ( )
- 5.7 Máquina de lavar roupa ( )
- 5.8 Freezer ( )
- 5.9 Aspirador de pó ( )
- 5.10 Vídeo ( )
- 5.11 Outros ( )

OBSERVAÇÕES: .....

.....

.....

.....

.....

.....

## BIBLIOGRAFIA

- BAHIA, Secretaria de Indústria e Comércio. O Gigante invisível: estudo sobre o mercado informal de trabalho na região metropolitana. Salvador : SIC, 1983. 106p.
- BARROS, Leda. Escolaridade e emprego na Bahia. Salvador : UFBA/Fac. de Educação, 1984.
- BEEBY, C. E. Educação e desenvolvimento econômico. Rio de Janeiro : Zahar, 1979.
- CACCIAMALI, Maria Cristina. As economias informal e submersa : conceitos e distribuição de renda. CAMARGO, José Marcio; GIAMGIAGI, Fabio. In Distribuição de renda no Brasil - Rio de Janeiro : Paz e Terra, p.121-144.
- CACCIAMALI, Maria Cristina. Setor informal urbano e formas de participação na produção. São Paulo : IPE/USP, 1983.
- CACCIAMALI, Maria Cristina. Informatização recente do mercado de trabalho brasileiro. São Paulo, Secretaria do Emprego e Salário, 1989.
- CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de. A escolarização em famílias de classe trabalhadora. s.l., s.c.p., s.d. 36p.
- CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de; BORGES, Celma. Educação Classe Trabalhadora, Caderno CRH. Salvador, n.1, p.1-45, 1988.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. A Produtividade da escola produtiva: um re(examen) das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista. 3. ed. São Paulo : Cortez 1989.
- LEVIN, Henny M. et. all. Educação e desenvolvimento no Brasil. Rio de Janeiro : Vozes, 1984.
- LIMA, Ricardo.  Mercado de trabalho: o capital humano e a teoria da segmentação. Pesquisa e Planejamento Econômico, Rio de Janeiro, v. 10, n.1, p.217-72, abr. 1980.
- PEDRÃO, Fernando C. Urbanização, informalidade e saúde. Salvador : UFBA/FCE, 1992. 64p. (UFBA/FCE Ensaios,1)